Após puxada no PIB de 2023, Norte e Centro-Oeste perdem o fôlego

Regiões enfrentam fenômenos climáticos que, junto com a base de comparação elevada, intensificam a desaceleração

Por Anaís Fernandes — De São Paulo

30/01/2024 05h00 - Atualizado há um dia

Estrela do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 2023, junto com o Norte, o Centro-Oeste deve apresentar um dos menores crescimentos entre as regiões brasileiras em 2024, abaixo da média nacional. Pesa para essa desaceleração do Centro-Oeste não apenas a base de comparação alta, após as safras recordes do ano passado, mas também os impactos negativos de fenômenos climáticos, que já começaram a aparecer nas estimativas regionais do terceiro trimestre de 2023, alertam economistas.

A Tendências Consultoria projeta crescimento de 1,5% para o PIB do Brasil neste ano. O Norte deve crescer 2,1%, e o Nordeste e o Sul, 1,7% cada, mostra estudo da consultoria antecipado ao **Valor**. O Sudeste avançaria 1,4%, já abaixo da média nacional, e o Centro-Oeste, 1,1%. A consultoria estima que, em 2023, Norte (3,6%), Centro-Oeste (3,6%) e Sul (3%) cresceram acima da média nacional esperada, de 2,8%. Sudeste (2,6%) e Nordeste (2,4%) teriam ficado abaixo.

Em 2023, o Centro-Oeste avançou impulsionado pela agropecuária, que deve ter crescido 17,5%, acima da média nacional esperada de 15,9%, segundo a Tendências. Além disso, a produção industrial da região - que avançaria 3,5%, bem acima do 1,1% estimado pela consultoria para o Brasil - também deve ter se beneficiado através dos setores de alimentos, biocombustíveis e metalurgia.

"É uma região que acaba tendo uma participação dos setores econômicos muito associados à cadeia do agronegócio", diz Lucas Assis, economista da Tendências.

Este ano, no entanto, a expectativa da Tendências é que a agropecuária do Centro-Oeste recue 4,6%, considerando o menor crescimento da produção de grãos, após recordes expressivos em 2023, e os impactos negativos do fenômeno climático El Niño. Para a agropecuária brasileira em geral, ainda é esperado ligeiro avanço, de 0,9%.

A equipe de assessoramento econômico do Banco do Brasil espera uma queda ainda maior para o agro do Centro-Oeste em 2024, de quase 7%, ante recuo de 0,9% projetado para a média do país.

> Desaceleração da inflação e avanço da renda devem favorecer consumo no Nordeste

"O desenvolvimento da safra 2023/24 tem sido fortemente influenciado pelas chuvas irregulares e as altas temperaturas. O plantio de soja e milho chegou a ser interrompido em diversas regiões, sobretudo em Mato Grosso, e em algumas áreas será necessário o replantio, com impactos importantes na produtividade", aponta o estudo da Tendências.

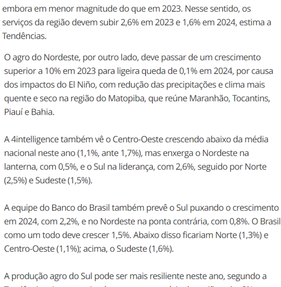
Além disso, os transbordamentos do agro para os serviços, notadamente transporte, armazenagem e comércio de insumos agrícolas, não devem estar presentes com a mesma magnitude em 2024, segundo a equipe do BB.

Em contrapartida, o Norte, que já deve ter puxado o crescimento do Brasil em 2023 junto com o Centro-Oeste, seguiria na liderança neste ano, na avaliação da Tendências. Ainda que desacelere ante 2023, a produção industrial deve sustentar um desempenho favorável do PIB da região, apesar do enfraquecimento da agropecuária, que também sente os efeitos do El Niño, com altas temperaturas e chuvas irregulares prejudicando a evolução das áreas semeadas.

"O agro é importante para a região, com destaque para carne bovina e soja, mas também tem um peso relativamente menor na economia do Norte, que conta com uma participação relevante da produção industrial, principalmente a extrativa", diz Assis

A indústria representa cerca de 34% do PIB do Norte, e o agro, 12% - no Centro-Oeste, essa distribuição é de 14,5% para 19%, respectivamente. A Tendência destaca ainda, para 2024, um comportamento positivo de setores atrelados a investimentos, como máquinas e equipamentos e construção civil.

"O cenário de redução da taxa de juros deve trazer um alívio para o setor [da construção civil] no próximo ano, notadamente ao grande empregador, trazendo reflexos no mercado de trabalho, especialmente nos Estados das regiões Norte e Nordeste", diz a equipe do Banco do Brasil.



O PIB do Norte caiu 1,9% no terceiro trimestre de 2023, ante o segundo, de acordo com levantamento da 4intelligence também antecipado ao **Valor**. Sudeste (0,6%), Sul (0,3%) e Centro-Oeste (0,2%) conseguiram superam a média nacional no período (0,1%), enquanto o Nordeste recuou 1,8%. A queda do Norte, no entanto, não assusta, porque a região havia subido 2,6% no segundo trimestre, lembra Bruno Lavieri, economista-chefe da 4intelligence.

"Quando vemos uma região crescendo muito rapidamente, é natural que no trimestre próximo não cresça tanto. É esse crescimento de espasmos", diz. "A questão é que não é só um reflexo da base alta, mas já conseguimos ver, no terceiro trimestre de 2023, alguns efeitos climáticos adversos."

Ainda assim, a 4intelligence projeta 5,3% de crescimento para o Norte em 2023, atrás apenas do Centro-Oeste, com 6,2%. O Brasil deve crescer 3,2%.

Para o Nordeste, que também cresceria acima da média nacional em 2024, segundo a Tendências, a expectativa é que haja uma recuperação da indústria, que sentiu o desempenho desfavorável da extração de óleos brutos de petróleo, mas pode subir em 2024 com setores ligados a investimentos, como máquinas e veículos.

"Esse segmento de óleos brutos de petróleo tem apresentado desempenho desfavorável há muitos anos", diz Assis. "Mas as perspectivas para a indústria não são o suficiente para liderar totalmente a trajetória da economia no Nordeste, onde os serviços representam quase 70% do PIB", pondera.

A desaceleração da inflação e o avanço da massa de renda total devem continuar favorecendo o consumo das famílias no Nordeste em 2024, embora em menor magnitude do que em 2023. Nesse sentido, os serviços da região devem subir 2,6% em 2023 e 1,6% em 2024, estima a Tendências.

O agro do Nordeste, por outro lado, deve passar de um crescimento superior a 10% em 2023 para ligeira queda de 0,1% em 2024, por causa dos impactos do El Niño, com redução das precipitações e clima mais quente e seco na região do Matopiba, que reúne Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia.

A 4intelligence também vê o Centro-Oeste crescendo abaixo da média nacional neste ano (1,1%, ante 1,7%), mas enxerga o Nordeste na lanterna, com 0,5%, e o Sul na liderança, com 2,6%, seguido por Norte (2,5%) e Sudeste (1,5%).

A equipe do Banco do Brasil também prevê o Sul puxando o crescimento em 2024, com 2,2%, e no Nordeste na ponta contrária, com 0,8%. O Brasil como um todo deve crescer 1,5%. Abaixo disso ficariam Norte (1,3%) e Centro-Oeste (1,1%); acima, o Sudeste (1,6%).

A produção agro do Sul pode ser mais resiliente neste ano, segundo a Tendências. A expectativa é que a agropecuária da região suba 8%, depois de já ter crescido 21,9% em 2023. As projeções da Tendências são positivas para algodão, arroz, feijão, soja, trigo, cana-de-açúcar e pecuária na região.

A consultoria reconhece que há um viés baixista para a projeção, considerando as volumosas precipitações relacionadas ao El Niño. Fortes chuvas têm atrasado o início do plantio, afetando negativamente a produtividade das lavouras de grãos na safra 2023/24, diz Assis. Além disso, aponta, o excesso de umidade propicia o surgimento de doenças fúngicas.

No Sudeste, que, assim como o Centro-Oeste, o crescimento deve ficar abaixo da média nacional em 2024, segundo a Tendências, a produção industrial é o que pode contribuir positivamente, com destaque para extrativa e fabricação de veículos. "O Sudeste é responsável por metade do PIB do Brasil. Então, é difícil ver uma diferenciação muito significativa entre a região e a média do país. Em 2023 e 2024, será um desempenho um pouco abaixo do Brasil, mas ainda é um cenário positivo", pondera Assis.

Lavieri observa que muito do crescimento recente do PIB brasileiro se deu por causa do agro, que tem participação relativamente menor na economia do Sudeste - pouco menos de 3%, enquanto serviços têm quase 68%, e a indústria, pouco mais de 28%. "E a indústria veio muito mal em 2023", afirma.

O arrefecimento do aperto monetário ao longo deste ano deve produzir condições mais benignas para a indústria, uma dinâmica que favorece especialmente o Sudeste, além do Sul e da Zona Franca de Manaus, "regiões que abrigam um parque fabril mais diversificado", diz o BB.